

MOACYR SCLiar



Marcas no mundo

Sempre digo que a coluna do Paulo Sant'Ana é uma caixa de ressonância: com incrível perspicácia, ele consegue abordar os temas que mais preocupam as pessoas. Sobre um desses temas, há anos estamos trocando idéias: a questão populacional no Brasil. Sant'Ana defende um rigoroso controle da natalidade. Como médico de saúde pública, acredito que meios anticoncepcionais têm de estar à disposição da população. Mas não vejo nisso a panacéia que evitará os problemas sociais do nosso ou de qualquer país. Mesmo porque, como diz o Sant'Ana, a taxa de natalidade vem caindo no Brasil rapidamente; prevê-se que no RS a população parará de crescer dentro de 20 a 30 anos, o que talvez no futuro nos iguale aos países europeus que pagam para que as famílias tenham mais filhos.

Na última quinta, e reforçando seus argumentos, Sant'Ana reportou-se a um estudo da Fundação Getúlio Vargas, mostrando que a taxa de fecundidade entre adolescentes de favelas do Rio é maior que aquela encontrada nos bairros ricos. O achado da FGV não é novo. Gravidez na adolescência, sobretudo associada à pobreza, há muito tempo é problema de saúde pública no Brasil. Os partos das meninas de 10 a 19 anos representam 26% do total dos nascimentos. É a maior causa de internação hospitalar nesse grupo etário.

A pergunta a fazer é: por que as adolescentes pobres têm mais filhos que as ricas? Corresponderá isto a uma espécie de perversidade dos miseráveis, que teimam em encher o mundo de outros miseráveis?

Talvez não. "Eu só queria deixar minha marca no mundo", disse-me uma grávida adolescente, aluna de um colégio público ao qual levo meus estudantes de Medicina. A frase é eloqüente. Uma garota de classe média tem muitas maneiras de marcar o mundo: passando no vestibular, obtendo um diploma, tornando-se empresária. Isto, para gente pobre, é uma possibilidade remota. A gravidez, não. A gravidez está ao alcance de todos; pode ser um projeto de vida alternativo, e não só no Brasil. Um estudo feito na Argentina, país que empobreceu violentamente nas últimas décadas e onde 15% dos bebês nascem de mães menores de 15 anos, mostra que em um terço desses casos a gravidez não ocorreu por acaso ou por desconhecimento. "Elas querem um filho porque é a única coisa que terão na vida", disse Walter Barbato, professor de gineco-obstetrícia na Universidade da província de Rosario. Mas é claro que esta única coisa tem o seu preço. As adolescentes acabam deixando a escola, diminuindo ainda mais suas escassas chances de escapar à pobreza. Ou seja, fecha-se o círculo vicioso.

Qualquer programa de planejamento familiar que não leve em conta esses fatores psicossociais está condenado ao fracasso. E nenhum programa de planejamento familiar terá sucesso se não for combinado com programas de combate à miséria. Não é só questão de disponibilizar a anticoncepção. Temos de fazer mais, se quisermos deixar, no país e no mundo, uma marca que valha a pena ser lembrada.

Ah, sim, Sant'Ana, obrigado por me chamar de imortal. No hospital, às voltas com uma hérnia de disco, eu estava justamente pensando nisso: de que adianta o cara ser imortal, se o disco intervertebral não é?